

## DE NIETZSCHE A HERMANN HESSE: O CASO EMIL SINCLAIR NO ROMANCE DE FORMAÇÃO *DEMIAN* SOB A PERSPECTIVA DA VONTADE DE POTÊNCIA

FROM NIETZSCHE TO HERMANN HESSE: THE CASE OF EMIL SINCLAIR IN THE TRAINING NOVEL *DEMIAN* UNDER THE PERSPECTIVE OF THE WILL TO POWER

Katieli Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo compreende uma análise diagnóstica da formação do personagem Emil Sinclair, do romance *Demian*, de Hermann Hesse, à luz do que Nietzsche designa como fisio-psicologia. Em síntese, o estudo foi conduzido pelo ensejo de responder a seguinte questão: qual a influência da educação de Emil Sinclair na elevação ou enfraquecimento de sua potência? Para tanto, no intuito de perscrutarmos uma resposta, trabalharemos em três momentos. Primeiramente, apresentaremos os fundamentos da fisio-psicologia nietzschiana e a sua relação com a noção de vontade de potência. Em seguida, discorreremos sobre a fisio-psicologia em consonância com a história de infância de Sinclair e a sua convicção na existência de dois mundos. Por fim, nos debruçaremos sobre a temática nietzschiana relacionando-a à juventude de Sinclair e ao papel do guia Demian na preparação do espírito livre.

**Palavras-chave:** Demian, Vontade de Potência, Fisio-psicologia

**Abstract:** *This article comprises a diagnostic analysis of the formation of the character Emil Sinclair; from the novel Demian, by Hermann Hesse, in the light of what Nietzsche designates as physio-psychology. In summary, the study was conducted by the opportunity to answer the following question: what was the influence of Emil Sinclair's education in increasing or weakening his potency? Therefore, to look for an answer, we will work in three moments. First, we will present the foundations of Nietzschean physio-psychology and its relationship with the notion of will to power. Next, we will discuss physio-psychology in line with Sinclair's childhood story and his conviction in the existence of two worlds. Finally, we will focus on the Nietzschean theme relating it to Sinclair's youth and the role of the Demian guide in preparing the free spirit.*

**Keywords:** *Demian, Will to Power, Physio-psychology*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) na condição de Bolsista pela CAPES, sob orientação de Roberto S. Kahlmeyer-Mertens. Pós-graduanda a nível de especialização em Psicologia Clínica Fenomenológico-existencial pelo Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial (NUCAFE), e graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, 2012-2016)

*“Queria apenas tentar viver aquilo que brotava de mim mesmo. Por que isso me era tão difícil?”*

(Hermann Hesse, *Demian*, p. 8)

## Introdução

Publicado no ano de 1919 sob o pseudônimo “Emil Sinclair”, *Demian* encerra o extraordinário romance de formação<sup>2</sup> (*Bildungsroman*) que impulsionou o seu autor, Hermann Hesse, à conquista do Prêmio Nobel de Literatura, em 1946. O desenrolar da narrativa conduz o leitor para dentro do projeto de existência de Emil Sinclair, um menino de dez anos, proveniente de um lar burguês e família rigorosamente cristã, que devotava a vida a conduzir-se nos horizontes da moral e dos valores outorgados por sua religião e cultura.

Foi no apelo ingênuo da infância que Sinclair criou a teoria de que o espaço em que vivia comportava dois mundos, um “luminoso” e um “obscuro”. Era isso que o ajudava a conduzir-se tal como apregoavam os seus pais, posto que deveria optar sempre pelo caminho luminoso, pela ordem, pela limpeza e pelo judicioso; e se afastar completamente do obscuro, do caos, do desregramento, dos apetites ruins. Contudo, tão logo começou a crescer, Sinclair percebe que as tentativas de evitar os impulsos e encontros com o que era obscuro o lançavam cada vez mais para este lado. Assim, no esforço de sufocar impulsos repudiados, mais fraco e doente se tornava diante dos obstáculos que emergiam desse mundo renegado.

Para ajudá-lo a lidar com os conflitos dessa dicotomia, Sinclair se aproxima cada vez mais do jovem Demian, um menino mais velho, misterioso, arguto e inteligente, que suscita medo e respeito nas pessoas. É Demian que envolve Sinclair em diálogos e eventos que o impulsionam a duvidar de todos os fundamentos que a educação de seus pais lhe provera, fazendo-o, aos poucos, aceitar que a vida necessita do equilíbrio entre o divino e o demoníaco. A história se aprofunda quando Sinclair, ao tornar-se jovem, finalmente assume a missão de lançar-se à busca de tornar-se o que se é, esforçando-se para destruir o mundo que o forjara e criar um mundo inteiramente novo, isto é, um mundo inteiramente seu.

---

<sup>2</sup> Por *romance de formação* compreende-se o subgênero literário que traduz o termo original *Bildungsroman*. Sua definição foi apresentada em 1810, pelo filólogo alemão Karl Morgenstein, e caracteriza o estilo de romance cuja narrativa versa sobre a vida privada da personagem central, descrevendo suas aventuras, conflitos e percalços em busca de alcançar algum grau de perfectibilidade. A personagem, neste tipo de romance, quase sempre perfaz o papel de uma pessoa comum, diferindo dos heróis épicos apresentados nas epopeias gregas, por exemplo. Para além disso, o *Bildungsroman* é um modo de representação cujos anseios do autor intentam incutir no leitor reflexões que corroborem com a educação de quem aprecia a obra (Cerdas, 2011).

No percurso da aventura que nos embala esse romance, observa-se algumas esporádicas alusões a Friedrich Nietzsche. Nada, no entanto, ocorre por acaso, pois um estudo um pouco mais minucioso revela que não só o nome do filósofo aparece na obra, mas também a sua filosofia, que surge como plano de fundo do projeto elaborado para a personagem central, deixando entrever a admiração de Hesse por Nietzsche. Fica claro que poder-se-ia pensar com *Demian* noções como “espírito livre”, “homem de gênio”, “vontade de potência”, “cultura elevada”, entre outras.

Para tanto, no intuito de meditar sobre esse importante romance alemão em consonância com Nietzsche, foi escolhido aprofundar a noção de vontade de potência, sem deixar de aludir aos outros elementos filosóficos supracitados. Ressalta-se, todavia, que embora o próprio Nietzsche não tenha oferecido uma definição acabada para a noção de “vontade de potência”, esta será compreendida aqui como a força motriz que reside em todo organismo. Assim, vontade de potência “[...] nomeia em termos dinâmicos a ideia de que qualquer afirmação é também uma negação, que qualquer condição ou asserção de significado deve superar algum “Outro”, algum obstáculo ou força contrária” (Hatab, 2010, p. 25).

Posto isso, destaca-se que cabe a este empreendimento conduzir o leitor a um possível diagnóstico da formação do personagem Emil Sinclair, tendo como aporte o que Nietzsche designa como fisio-psicologia. Para demonstrar o contraste entre o “homem decadente” e o “homem de gênio”, se incidirá em breve análise também de *Demian*, personagem que empresta o nome à obra.

### **A vontade de potência como expressão fundamental para a fisio-psicologia nietzschiana**

Em *O Caso Wagner* (1888), Nietzsche assevera que a sua preocupação mais íntima sempre foi o problema da decadência, sendo essa uma enfermidade que afeta pessoas e corrompe culturas inteiras. Comum à Modernidade, a decadência é uma doença que só pode ser diagnosticada por quem tem o olhar treinado para perceber os sinais de declínio, que provocam as afecções emergentes da cultura ocidental, como a vontade de morrer, o grande cansaço e a vida depauperada. Assim, cabe ao psicólogo, também chamado de médico filósofo, interpretar os sintomas de adoecimento, decifrar seus enigmas e extrair deles saberes que o permita superar a doença e criar algo ainda mais elevado:

Para dizê-lo de outro modo, importa propriamente ao psicólogo nato interpretar o inteiro âmbito dos pensamentos, sentimentos, desejos, crenças, ações e estados de uma pessoa – mas também de um povo, de uma cultura – como sintoma e transfiguração de impulsos e afetos gerados a partir de energias fisiopsicológicas que, por sua vez, estão sujeitas a um jogo permanente de elevação ou desfalecimento de sua potência, de tonificação e enfraquecimento. (Giacóia Jr., 2013, p. 178).

Uma proposta investigativa sobre tais elementos caberia, na acepção de Nietzsche, tanto ao âmbito da psicologia quanto da fisiologia, ao passo que o próprio filósofo considera este empreendimento digno de nomear-se fisio-psicologia (*Physio-Psychologie*). A pretensão de Nietzsche com isso, entretanto, nunca foi a de construir uma nova abordagem psicológica ou criar uma doutrina. Em verdade, a psicologia de seu tempo ainda estava germinando na Europa com o caráter de disciplina formal e científica. O desígnio de Nietzsche era, por conseguinte, promover uma forma de pensar filosoficamente sobre os fatores intrínsecos à elevação ou declínio de uma cultura (Frezzatti, 2019).

Nesta acepção, tanto a cultura quanto o corpo são resultado de um processo denominado *hierarquização de impulsos (Trieb)*. Assim, “a vida, para o filósofo alemão, é uma luta constante entre impulsos para aumento de potência; nessa luta, para crescer, um impulso deve dominar outros. Crescimento de potência e exercício de dominação são condições para a autossuperação” (Frezzatti, 2022, p. 28). Quem nunca ouviu aquela que se tornou uma das frases insígnias de *Crepúsculo dos Ídolos* (1988): “o que não me mata me fortalece”? Em nosso contexto, podemos interpretá-la com vistas à fisio-psicologia, pois, para o filósofo, o aumento do *quantum* de potência que promove o fortalecimento, advém de um processo dinâmico e contínuo no qual um impulso ou força é capaz de *dominar* outro de maneira hierarquizada, incidindo em potência suficiente para a criação e a autossuperação. Face a isso, Nietzsche compreende que todo organismo, seja o de um homem, de um animal ou mesmo de uma planta, vive numa constante batalha para assegurar a si ainda mais potência. Diferente do que assevera Darwin, por exemplo, que na luta pela existência os organismos buscam a conservação de sua vida, para o filósofo, o que os organismos buscam é *sempre mais potência*. Tal que “[...] o aspecto geral da vida *não* é a necessidade, a fome, mas antes a riqueza, a exuberância, até mesmo o absurdo esbanjamento – quando se luta, luta-se por *potência...*” (Nietzsche, 2017, p. 57 [tradução modificada]).

Em síntese, a saúde de um organismo, para Nietzsche, está enlaçada à habilidade de observar atentamente os sinais fisiológicos e estabelecer limites ao que é nocivo e enfraquecedor. Ser seletivo e não aceitar tudo é um sinal de nobreza, daquele que possui estilo. Assim, na compreensão do filósofo, “saber proibir-se aquilo que é prejudicial é certamente um sinal de juventude, de força vital” (Nietzsche, 2007, p. 26). A seletividade, nesse sentido, é uma característica fulcral do *gênio nietzschiano*<sup>3</sup>, e indica uma ordenação hierárquica de impulsos que direcionam o organismo à criação e à autossuperação (Frezzatti, 2022).

---

<sup>3</sup> “O “homem universal” nietzschiano é o gênio que foi engendrado após vários processos de acúmulo de forças, aquele que pode vivenciar e experimentar todas as potencialidades humanas: não é uma abstração genérica; por isso, tem potência para, sucessivamente, destruir e erguer culturas” (Frezzatti, 2022, p. 33).

Isto não significa, porém, que se deva simplesmente furtar-se aos obstáculos, mas sobretudo privar-se de vícios e maus hábitos que conduzem a uma anarquia dos impulsos. Para além disso, o aumento do *quantum* de potência exige ainda que os organismos sejam capazes de selecionar características e condutas que viabilizem a *superação* de adversidades e choques com forças maiores. Então se, por um lado, o homem de gênio nietzschiano deve saber limitar-se ao que lhe é nocivo, também deve colocar-se em *busca* de resistências maiores pelas quais aprenderá a dominar e aumentar as suas forças. Com isso, o resultado é um acúmulo de forças que, no caso do homem, oportuniza o aperfeiçoamento das potencialidades humanas e, por conseguinte, engendra humanos mais sadios e culturas mais elevadas (Frezzatti, 2022).

Para compreender-se melhor isso, vê-se o caso do próprio Nietzsche que, mesmo sendo outrora admirador da música de Richard Wagner e amigo do compositor, ao romper laços com o homem Wagner, se distancia também de sua arte. Assevera o filósofo: “Virar as costas a Wagner foi para mim um amargo destino; [...] Talvez ninguém se tenha comprometido como eu com a mania de Wagner, ninguém dela se deve ter separado mais duramente, ninguém também se alegrou tanto por se ter libertado como eu” (Nietzsche, 2007, p. 15). O que observa-se com esta passagem é a expressão do quão tortuosa pode ser a ruptura com *quem* ou com *aquilo* que nos adoece, mas que viabilizá-la (a ruptura) é necessário para o adequado direcionamento dos impulsos e aumento do *quantum* de potência. Dito isso, ressalta-se que não é o mero *afastamento* do que é nocivo que oportuniza o ganho de força, mas justamente a capacidade de *superar* a doença é que possibilita esse ganho. Por isso, não se mede a vida pelo prazer e felicidade, pois a *superação* atrela-se, sobretudo, à insatisfação e ao desprazer (Hatab, 2010).

Para Nietzsche, esse rompimento com a pessoa e com a arte de Wagner não se deve a um simples capricho ou a uma questão de gosto, mais do que isso, deve-se um movimento em busca de mais potência e autossuperação, uma vez que o filósofo identificara que, ouvindo as óperas de Wagner, seu corpo dava sinais de adoecimento, i. e., *sinais de declínio*: “como é nociva esta orquestração de estilo wagneriano! Chamo-a de siroco. Ela me provoca desagradáveis suores. Acaba com meu bom tempo!” (Nietzsche, 2007, p. 17). Com isso, Nietzsche afasta-se da contemplação do que, para ele, brotava da fraqueza – a música de Wagner –, e propõe um contraste entre o estilo wagneriano e a obra-mestra de Georges Bizet, *Carmen*, que no entendimento nietzschiano aspira organização, delicadeza e leveza: “É bom aquilo que é leve, tudo o que é divino se move com pés delicados” (Nietzsche, 2007, p. 17).

A atitude do filósofo ao contrapor estes dois mestres da música é justificada quando se compreende a sua proposta com a fisisio-psicologia. Pois, enquanto Wagner incorpora à sua obra um

elogio à castidade, à pureza e à fidelidade, enlaçando a sua música a uma noção de moral superior, Bizet revela em sua obra o amor trágico, provocativo e o lado demoníaco de Eros. Assim, enquanto o primeiro coloca o seu empreendimento a serviço das paixões, dos mistérios e de um ideal de purificação, incorrendo a efeitos que não fazem mais do que apenas “estimular os nervos fatigados”, o segundo tematiza a verdadeira natureza do amor, lançando o ouvinte a uma atmosfera de meditação e questionamento: “Bizet me torna fecundo. Tudo o que é bom me torna fecundo” (Nietzsche, 2007, p. 18).

Todavia, cabe ainda indagar: por que Nietzsche considera que o ensejo a uma moral superior ou a um ideal de pureza é um sinal de declínio na obra de Wagner? A resposta, que aparece como plano de fundo de quase toda a obra nietzschiana, condensa-se à seguinte afirmação do filósofo: “*a moral renega a vida...*” (Nietzsche, 2007, p. 16). Ao desdobrar-se sobre a fisio-psicologia, Nietzsche assegura que a educação é um fator intrínseco à elevação ou decadência de uma cultura. Quando essa educação é gerida com o intuito de “domesticar” os impulsos humanos, tal como o faz o cristianismo ou os ideais de civilização, o que se busca é a *conservação* de valores e condutas que, factualmente, impedem o aumento de potência. Esses valores ou condutas mostram-se, por sua vez, como barreiras que tendem a sufocar a expressão de tudo o que é forte:

Toda filosofia que põe a paz acima da guerra, toda ética que apreende negativamente o conceito de felicidade, toda metafísica e física que conhece um *finale*, um estado final de qualquer espécie, todo anseio predominantemente estético ou religioso por um Além, Ao-lado, Acima, Fora, permitem perguntar se não foi a doença que inspirou o filósofo. (Nietzsche, 2001, p. 11).

Assim, para Nietzsche, a moral renega a vida na medida em que, fazendo-se norma estabelecida por um rei, por um padre, ou por qualquer outro ídolo, tem o poder de forjar humanos fiéis a uma visão ideal de mundo e de virtude que os faz recusar toda contradição criativa. Ou, ainda, estimula o homem a amansar os seus impulsos e sacrificar-se em virtude da promessa de uma vida eterna num “além-mundo”. Frente a isso, o filósofo assevera: “o que quer que não pertença à vida é uma ameaça para ela” (Nietzsche, 2012, p. 32).

Tendo traçado uma apresentação sumária acerca das noções basilares que permeiam a fisio-psicologia de Nietzsche, com efeito, transcorre-se agora à análise da trama que impulsionou o desenvolvimento deste empreendimento, a trama da formação da personagem Emil Sinclair.

### **A infância de Emil Sinclair e a noção de dois mundos**

Não há dúvida de que *Demian*, o grande “*Bildungsroman*” de Hermann Hesse, tenha sido influenciado por bases nietzschianas de pensamento. Essa influência filosófica é exposta, inclusive,

no romance em questão, quando a personagem de Emil Sinclair, já na fase de juventude, alega que Nietzsche seria para ele uma fonte rica de reflexão. Logo, poderia ter sido essa apenas uma passagem curiosa, não fosse o esforço do autor em demonstrar que o desabrochar de Emil Sinclair é devedor de uma ruptura paulatina com o mundo seguro e sagrado de sua infância.

Assim, a trama se inicia quando Sinclair, já adulto, rememora os tempos em que tinha dez anos, descrevendo como o sistema de valores e crenças herdados de seus pais o fizera supor que existência pendulava entre dois mundos. O primeiro, designado por ele como “mundo luminoso”, era o mundo onde nascera e fora educado o pequeno Sinclair e as suas irmãs, mundo que os circunscrevera a um ambiente de amor e sagração, ordem e claridade, mas também de culpa, remorso e confissão. Foi neste mundo, construído sobre um solo religioso, que Sinclair aprendeu a valorizar os bons costumes, a limpeza, a moral, a compaixão, o cuidado consigo e com o próximo. Era também o mundo onde o perdão, a piedade e a sabedoria eram ensinados aos herdeiros desde que estes eram criancinhas.

Mas não demorou muito para que Sinclair percebesse e sentisse em sua própria pele a presença fática de um outro mundo que, embora não *parecesse* lhe pertencer diretamente, o envolvia em toda a dinâmica de sua existência, o seduzindo, o excitando. Era um mundo *renegado* por sua família, mas que invariavelmente permeava a sua vida de menino educado, era o “mundo obscuro”. Nesse mundo, erguido e fortificado por criaturas enigmáticas, homens beberrões, mulheres histéricas, bisbilhotices e mentiras, a vida se tornava ainda mais instigante, pois nele se alastravam histórias de filhos errantes e jovens aventureiros.

Descreve a narrativa que havia momentos em que o menino Sinclair sentia-se, inclusive, muito mais próximo do mundo caótico e errático do que do mundo luminoso. Eram momentos tais como aqueles em que, brincando ingenuamente com as suas irmãs, Sinclair notava crescer em si uma ira, um sentimento execrável, que o fazia brigar e insultar as meninas apenas para causar desgraça e caos. Contudo, tão logo agia mal, colocava-se a pedir desculpas e adornar as irmãzinhas para retornar à luz e ao abrigo límpido do mundo luminoso:

Eu pertencia, de imediato, ao mundo luminoso e reto, *era filho de meus pais*; mas para onde quer que dirigisse a vista e os ouvidos, ia dar sempre com o outro mundo e, portanto, nele também vivia, embora quase sempre me parecesse isso estranho e inquietante e acabasse por infundir-me pânico, turbando-me a consciência (Hesse, 2017, p. 15 [grifo nosso]).

A passagem revela o quão tortuoso parecia a Sinclair a ideia de pertencimento a um mundo que não era aquele forjado por seus pais, um mundo proibido, onde reinavam pecado, desordem e heresia. Mas como negar os impulsos obscuros que dele próprio emanavam? Com efeito, o que o

autor intenta mostrar é que, embora o mundo paterno de Sinclair fosse agradável e desejável, a relação de domínio que se estabelecera nesta educação rígida e cristã poderia irromper em condições aversivas. Logicamente, nada assim fora conscientemente pensado por aqueles cuja única intenção era proteger os filhos, não eram carrascos, apenas ensinavam às suas crianças os valores e virtudes que refletiam os ideais de sua cultura.

Em *Além do Bem e do Mal* (1886), Nietzsche assevera que uma das ações comuns aos educadores é o estabelecimento de relações de posses com seus aprendizes, que pode acontecer de forma natural e involuntária. No caso dos pais, é certo que estes apresentem a tendência de transformar os filhos em algo semelhante a eles: “não há mãe cujo coração não esteja persuadido de que deu à luz a uma propriedade sua e nenhum pai renunciará o direito de submetê-lo às suas ideias e à sua maneira de ver” (Nietzsche, 2012, p. 106). Corroborando com a citação de Nietzsche, esse impulso comum aos educadores nem sempre visa o poder pelo poder, mas a promoção de condutas morais e ações de bem fazer que facilitem e tragam segurança à *vida de rebanho*. Agir assim é, portanto, agir em consonância com um propósito de conservação.

Por este motivo, a educação valorada pela cultura ocidental “só expressa o que é permitido pela má consciência<sup>4[3]</sup> de uma sociedade decadente. O desprezo pela própria capacidade de criação de valores, a má consciência, aponta para as coisas um bem ou mal absolutos que não existem nelas mesmas” (Frezzatti, 2022, p. 144). Assim, pode-se entender com Nietzsche que não há problema em buscar ordem, clareza e beleza à existência, não é na organização que reside o declínio, mas na necessidade de nivelamento social que, ao imputar juízos de valor sobre coisas ou condutas que não tem valor em si, impede o aparecimento de exceções e o desenvolvimento de potenciais distintos.

Condizente com isso, observa-se que o próprio Emil Sinclair, no decorrer da obra, percebera que os valores ideados por seus pais refletiam um instinto de rebanho que influenciara em sua educação:

Como quase todos os pais, também os meus não auxiliaram o despertar dos instintos vitais, assunto sobre o qual nunca se falou em nossa casa. Auxiliaram apenas, com inesgotável atenção, minhas tentativas vãs de negar a realidade e continuar habitando um mundo infantil cada vez mais irreal e fictício. Não sei se os pais podem fazer a esse respeito alguma coisa, e nenhuma reprovação tenho para com os meus. Eu devia

---

<sup>4</sup> A má consciência é uma expressão trabalhada por Nietzsche desde os textos da juventude. Ela expressa a ideia de uma *disposição interior* que emerge dos conflitos entre as condutas realizadas e os valores assimilados por um indivíduo ou cultura. Assim, essa disposição pode assumir o caráter de remorso ou culpa por uma ação decorrente de ideais moralizantes. Para Paschoal (2011, p. 219): “é possível retomar a ideia de que a má consciência corresponderia tanto a um adoecimento quanto à abertura de novas possibilidades de futuro para o homem. Isso porque, de fato, a tensão que ela produz pode conduzir a uma elevação do tipo homem, conquanto que essa tensão mesma seja reinterpretada e se faça dela uma ‘má consciência’ ativa”.

encontrar meu caminho por mim mesmo, tarefa que foi tão difícil para mim quanto à maioria dos jovens “bem-educados” (Hesse, 2017, p. 60).

Compreende-se, com efeito, que o desígnio de se lançar à busca pelo caminho próprio por parte do jovem Sinclair não emerge em sua história abruptamente, tampouco conscientemente. Este desígnio só se torna de fato um desígnio quando o menino, ao ser forçado a sair do refúgio do mundo paterno, compreende que fora do mundo luminoso de seus pais há forças maiores que o confrontam e que precisam ser superadas. Uma dessas forças, que surge logo no primeiro capítulo da obra, chama-se Franz Kromer, figura que representa um garoto chantagista que se perfaz de uma mentira ingênua de Emil para arrancar dele favores e quantias. Assombrado pela própria mentira e pela possibilidade dos seus pais e colegas descobrirem coisa tão estapafúrdia, Sinclair dobra-se à tirania de Kromer. Com isso, aos poucos, o vilão arranca de Sinclair tudo o que ele tinha de bens ou dignidade, o fazendo acumular ainda mais mentiras e tornando-o cada vez mais fraco, até o ponto de adoecer pela febre, náusea, dores, suor e pesadelos constantes.

A essa altura do romance, as forças de Kromer, criatura destemida e proveniente do lado obscuro, chocam-se com as forças de Sinclair que não apresentam resistência e se retraem. Então, depois de dias de tortura, a situação muda quando, exigindo de Sinclair o seu bem mais valioso – a figura pura e indulgente de sua irmã –, o menino não cede. É a primeira vez na narrativa que Sinclair parece não se curvar aos caprichos do malfeitor. Contudo, ainda assim, fica acuado e procurando meios para fugir. Sua salvação emerge quando um terceiro jovem, o menino Demian, de aparência segura, arguta e ameaçadora, se coloca a favor de Sinclair e afugenta Kromer.

Deste momento em diante, Kromer não se torna mais um problema para Sinclair e quase que desaparece no percurso da obra. Mas se perguntarmos o que representa esta figura para o jovem Emil, não há dúvidas: representa um obstáculo a ser superado. Apesar disso, não é Sinclair quem supera Kromer, mas Demian. Assim, as forças de Demian crescem aos olhos de Sinclair que, reconhecendo agora as suas fraquezas, abre-se para as meditações e conselhos do novo amigo. Contudo, não fosse a experiência da tortura psicológica vivida nas mãos de Kromer, talvez Sinclair preferisse manter-se no refúgio do mundo luminoso.

Na acepção de Nietzsche, os obstáculos guardam a *possibilidade* de aumento de potência, uma vez que estimulam o surgimento de impulsos que viabilizam condutas de superação e criação. Todavia, essa possibilidade só se reverte efetivamente em potência criadora quando há a hierarquia de impulsos, de maneira que se permita a expressão do impulso mais forte, que deve dominar os outros (Frezzatti, 2022). No caso de Sinclair, ainda que ele quisesse muito enfrentar Kromer e romper com a chantagem, o medo de agir contra a moral ideal de seus pais prevalecera, de modo

que qualquer expressão que lhe conferisse força fosse sufocada em virtude da conservação de valores. Com isso, compreende-se que, ainda que o mundo luminoso de Sinclair ensejasse organização, limpeza, severidade e outros tantos atributos desejáveis, isso por si só não o tornara mais forte. Para Nietzsche: “o que é bom? Tudo o que aumenta o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem. O que é mau? – Tudo o que brota da fraqueza. O que é a felicidade? – o sentimento de que o poder *aumenta* – de que a resistência é superada” (Nietzsche, 2012, p. 24).

Por fim, o capítulo segundo se encerra com Sinclair confessando-se aos seus pais em busca de redenção e retorno ao mundo luminoso, ao passo que afirma: “nessa harmonia refugiei-me apaixonadamente. Não me cansava de comprovar que obtivera novamente a paz e a confiança de meus pais” (Hesse, 2017, p. 55). Assim, o menino retorna à conservação da vida límpida e segura que levava antes do obstáculo Kromer. Entretanto, reconhece anos mais tarde que não era a seus pais a quem deveria se confessar, mas a Demian, que o salvara: “hoje em dia, penso que se Demian não me tivesse libertado das garras de Kromer, eu teria saído delas enfermo e corrompido para sempre” (Hesse, 2017, p. 53).

Mas, por qual motivo, então, Emil escolheu não se confessar a Demian? É que para o menino, aceitar a compaixão de seus pais era, logicamente, muito mais fácil do que assumir as suas fraquezas diante do jovem. Para Sinclair, assumir as fraquezas significava admitir a necessidade de uma conduta que lhe requeresse mais força, conduta que invariavelmente o lançaria ao mundo obscuro, ao mundo real, para o qual ele ainda não estava preparado. Anos mais tarde, ele próprio assume: “Hoje sei muito bem que nada na vida repugna tanto a um homem do que seguir pelo caminho que o conduz a si mesmo!” (Hesse, 2017, p. 56).

### **Demian ou Daemon? A juventude de Emil Sinclair face ao tornar-se o que se é**

Embora a obra carregue em seu título o nome “Demian”, é a história de juventude de Emil Sinclair que ela legitima. Em consenso com Ivo Barroso, autor do posfácio da edição brasileira, mais do que um romance de formação, Demian é um livro sobre uma *re-formação*, de um jovem que, conflitando entre dois mundos, coloca-se em busca de tornar-se quem se é e descobrir o seu lugar diante desta dicotomia. Recobrando a Hesse, “a vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo” (Hesse, 2017, p. 10). Ou, ao menos, é a tentativa de um caminho.

Mas e quanto a Demian, qual é o seu papel na história? Poder-se-ia dizer, seguramente, que é o papel de um guia, de um facilitador. Em uma carta dirigida a Sinclair, Demian escrevera que “quem quiser nascer tem de destruir o mundo” (Hesse, 2017, p. 106). E que mundo é este que

precisa ser destruído? No caso de Sinclair, o mundo límpido e seguro de sua infância e toda a moral que o envolve. Isso, pois, antes da aparição de Demian, a distinção entre mundo luminoso e mundo obscuro era o que possibilitava a Sinclair discernir entre o bom e permitido do mal e proibido, auxiliando o direcionamento de suas condutas. Diga-se de passagem, uma postura comum a um ser cristão, fiado à crença no que Nietzsche chamaria de “mentira piedosa”, ou, “*pia fraus*”<sup>5</sup>, um tipo de mentira que, quando criada e difundida por clérigos e legisladores morais, culmina numa inversão de valores cujo objetivo visa prover a segurança e a perpetuação de uma cultura declinante. Nesta inversão, o homem bom e valorado é aquele cujos instintos foram domesticados e enfraquecidos, incidindo no “homem civilizado”, completo oposto do “homem bárbaro”, ou, ainda, do homem mau, cujos instintos permanecem intactos e vigorosos (Frezzatti, 2022).

Logo, Demian emerge na obra como um ensejo que permite a Sinclair reorganizar os impulsos que o colocavam negativamente perante a vida e o enfraqueciam face a obstáculos tal como o de Kromer. Para romper com o que brotava da fraqueza, portanto, Demian empreende um caminho distinto a tudo o que Sinclair havia aprendido em seu breve percurso de existência. Nota-se, inclusive, que esse personagem guia performa, por vezes, como um *daemon*<sup>6[5]</sup>, um espírito que sopra aos ouvidos de Sinclair o apelo para deixar viger os seus impulsos mais fortes, contra toda a moral do mundo luminoso, chegando ao extremo do lado obscuro. Em relação a Kromer, aconselha: “Tens que livrar-te desse indivíduo. Se não houver outro meio, então mata-o! Gostaria que o fizesse e te admiraria por isso. Talvez até o ajudasse” (Hesse, 2017, p. 51). Em outras passagens, o autor deixa entrever alguns aspectos “*daemonicus*” do personagem: “Demian se mostrava diante de mim como um bruxo” (Hesse, 2017, p. 48); ou, ainda, “a voz de Demian e sua poderosa influência se apoderaram de mim” (Hesse, 2017, p. 49).

Em suma, todas as características de Demian atribuídas por Sinclair, a quem ele busca se espelhar na juventude, parecem uma *tentativa* de recobrar ao homem de gênio nietzschiano, nomeado também pelo filósofo como “o grande homem” (*große Mann*). E o que é este homem de gênio? É o resultado de um trabalho empreendido por diversas gerações, um homem de exceção, suficientemente forte para romper com as regras e com a moral vigente, a fim de apontar para um

---

<sup>5</sup> É em *Humano, demasiado humano*, que Nietzsche tematiza pela primeira vez a noção de *pia fraus*, replicando o conceito apresentado pelo poeta Ovídio, na obra *Metamorfose*. A expressão, que concerne a atitudes de má-fé com fundos de boa intenção, é utilizada por Nietzsche para exemplificar condutas de líderes cujas mentiras anseiam influenciar o comportamento de um povo. A *pia fraus*, nesse sentido, pode servir tanto para garantir as condições de elevação de uma cultura, quanto para reforçar a vida de rebanho (Frezzatti, 2008).

<sup>6</sup> *Daemon* (δαίμων), comumente traduzido como “espírito” ou “demônio”, alude ao que os gregos da era Clássica denominavam como um espírito puro, que permeava entre os deuses e os homens, mas não chegava a ser nem homem, nem divindade. É um ente mitológico que ganhou notoriedade mediante os diálogos de Platão, nos quais se expressa que a personagem histórica Sócrates recebia mensagens e avisos de um *daemon*, de um demônio (Gobry, 2007).

novo caminho que engendre uma cultura mais elevada (Frezzatti, 2022). No romance de Hesse, todavia, o papel do gênio não é contribuir com a formação de uma nova cultura, mas sim de um homem menos decadente.

No primeiro diálogo entre os dois personagens, Demian suscita uma meditação acerca do verdadeiro significado da marca de Caim, em referência a fábula bíblica *Caim e Abel*, do livro *Gênesis*. Para o guia, a história que convencionalmente se repete pelos fiéis – de que após matar Abel por inveja, Caim recebera uma marca de Deus para que fosse protegido de ser atacado pela população –, não passa de uma grande invenção. Na interpretação de Demian, a marca de Caim não era sequer uma cicatriz ou algo material, mas uma marca que se expressava no semblante do homem forte, do homem de exceção. Era a marca que o distinguia dos demais e causava medo e pavor aos mais fracos que, para não demonstrar a própria fraqueza, inventavam histórias desmoralizantes. Não por acaso, um pensamento que conflui com o que Nietzsche expressara em *O Anticristo* (1888):

Não devemos adornar e embelezar o cristianismo: ele travou uma *guerra* de morte contra esse tipo de home *superior* e baniu todos os instintos mais profundos de tal tipo; desenvolveu os seus conceitos de mal e de maligno a partir desses instintos – o homem forte como um típico abominável, o “homem corrompido” (Nietzsche, 2012, p. 26).

É no diálogo sobre a marca de Caim que Sinclair sente-se provocado a meditar sobre os valores do mundo de seus pais, pois percebe que, entregando-se ao refúgio do mundo luminoso, não seria mais do que um Abel, facilmente vencido por outrem: “algo estranho se passava comigo; minha vida se achava em completa desordem, eu havia vivido num mundo claro e pulcro, havia sido uma espécie de Abel e agora mergulhava profundamente no ‘outro’” (Hesse, 2017, p. 41). A provocação lhe afetara de tal maneira que, alguns meses depois, cedeu à tentação de perguntar ao seu pai, um homem fiel a Deus, o que ele achava de Caim ser melhor do que Abel. A resposta, um tanto quanto esperada, era que “a insensata teoria não passava de mais uma invenção do diabo para tentar a destruição da fé” (Hesse, 2017, p. 56).

A conversa entre pai e filho, que dá encerramento ao segundo capítulo, propicia a ponte para que a história adentre, num terceiro momento, a fase da adolescência de Sinclair. É nesta altura da trama que o jovem começa, efetivamente, a ganhar forças para amadurecer de sua precocidade e superar o conflito entre o mundo dual, reconhecendo a necessidade de romper com o passado e desvincular-se do mundo luminoso. São os passos que o preparam para o completo abandono das tradições paternas e o exercício em busca da autossuperação. Neste processo, um ímpeto de revolta emerge em Sinclair em relação aos pais, que o faz se distanciar da família e lançar-se por completo

ao que lhe era conhecido como mundo obscuro, entregando-se à boemia, orgias e miséria existencial. É o momento, também, quando Demian se recolhe de sua amizade com Sinclair, desaparecendo por um tempo, mas permanecendo nas lembranças do amigo.

Nesse estágio da vida de Emil, onde encontra-se abalado e sem o seu guia, o jovem segue sozinho com o desígnio de matar simbolicamente o *eu* que um dia foi, o fazendo de maneira insurgente e entregando-se à anarquia. Todavia, ainda que esses apetites ruins não lhe conferissem força, tendo em vista que os maus hábitos também incidem em desregramento dos impulsos, a condição de transmutar-se para alguém distinto do que era no passado remonta a uma característica própria do espírito livre, i. e., do espírito que busca tornar-se o que se é: “[...] para o espírito livre, o erro e a falsidade são condições fundamentais da vida –, Nietzsche enfatiza a atuação do experimento. O espírito livre aprende que “agora lhe parece um erro o que outrora você amou como sendo uma verdade ou probabilidade” (Viesenteiner, 2013, p. 98).

Não é, contudo, comum a um espírito livre manter-se preso ao desregramento, ao menos que, mesmo sendo um homem forte, tenha sucumbido a doença. Nesse caso, se o espírito livre não tiver potência para produzir, pode tornar-se criminoso ou louco. Desta maneira, se “suas virtudes forem proscritas pela sociedade; os instintos mais vivos de que é dotado logo se misturam com os afetos deprimentes, com a suspeita, o medo, a infâmia. [...] isso é praticamente a receita para a degeneração fisiológica” (Nietzsche, 2017, p. 79). Mas esse não era o destino de Sinclair e, para tanto, precisou enfrentar um novo obstáculo: lutar contra os vícios do mundo obscuro e reconstruir um novo mundo, onde o permitido e o proibido fosse relativo somente a sua própria pessoa. Isso ocorre quando, observando uma jovem encantadora que lhe chamara atenção, Beatrice, com quem, a propósito, ele nunca trocara uma palavra, decide de súbito abandonar a vida caótica em nome da paixão.

Neste interim, ao recobrar o equilíbrio após o distanciamento dos festejos, Sinclair retorna a invocar Demian, o procurando incessantemente e esforçando-se pelo encontro, mas tudo o que recebe de seu *daemon* é um misterioso bilhete: “A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem de destruir um mundo. A ave voa para Deus. E o deus se chama Abraxas” (Hesse, 2017, p. 106). Na trama, para ajudá-lo a resolver o enigma, Sinclair aconselha-se com um novo amigo, um organista de nome Pistórius, que aparece na narrativa por “acaso” ao inebriar Sinclair enquanto tocava Sebastian Bach e Max Reger numa antiga capela. É o organista quem profetiza a doutrina de Abraxas, “uma divindade dotada da função simbólica de reunir em si o divino e o demoníaco” (Hesse, 2017, p. 107).

Por um tempo, Pistórius assume a liderança que outrora foi de Demian, ensinando Sinclair a viver os seus sonhos mais íntimos, experienciar os desejos amorosos e distanciar-se da moral que promove o instinto de rebanho. Para ele, “não devemos temer nem julgar ilícito nada do que nossa alma deseja em nós mesmos” (Hesse, 2017, p. 129). Mais adiante, complementa que atender ao apelo dos desejos da alma não significa fazer qualquer coisa estúpida que vier a cabeça, mas simplesmente não ignorar estas ocorrências com pretextos moralizantes.

É um pensamento que corrobora com o que Nietzsche afirma ser a “moral como antinatureza”, onde o conjunto de valores eleito por um grupo só pode se sustentar quando os desejos e paixões são aniquilados, sem que haja espaço para reflexões ou questionamentos. “A Igreja combate a paixão com a extirpação em todo sentido: sua prática, sua “cura” é o castracionismo. Ela jamais pergunta: “Como espiritualizar, embelezar, divinizar um desejo?” – em todas as épocas, ao disciplinar, ela pôs a ênfase na erradicação” (Nietzsche, 2017, p. 27). Por isso, Nietzsche conclui que a postura dogmática é hostil à vida, pois não oferece espaço para a expressão do que é natural à espécie. No caso de Pistórius, ainda que o guia tenha ensinado muito a Sinclair, logo é abandonado pelo jovem justamente porque este percebe que, ao mesmo tempo em que seu líder exigia dele viver o que é proibido e impensado, era decadente e incapaz de entregar-se ao que ele próprio pregava. A narrativa remete, de certo modo, à relação conflituosa que Nietzsche um dia estabelecera com Richard Wagner.

É o abandono a Pistórius que oferece ensejo na obra para o ressurgimento de Demian, o que denota que tal fato não ocorre por acaso. Isto pois, ainda que a missão de Pistórius fosse ajudar Sinclair a dar um passo além em direção a si mesmo, somente Sinclair seria capaz de encontrar o próprio caminho. Recobrando a Zaratustra: “Mal corresponde ao mestre o que não passa nunca de discípulo” (Nietzsche, 2013, p. 101). Simbolicamente, o papel de Pistórius foi aprofundar Sinclair na doutrina de Abraxas, pois somente conhecendo a força de união entre o divino e o demoníaco, Sinclair conseguiria de fato romper com a casca do ovo e voar para o seu novo Deus, como previra Demian anteriormente na carta:

Aprofundava então o olhar em mim mesmo e cravava meus olhos nos olhos do meu destino. O que neles se refletisse, sabedoria ou loucura, amor ou maldade, não importava. Nada daquilo se devia querer ou escolher. Só podemos aspirar a nós mesmos, a nosso próprio destino (Hesse, 2017, p. 147).

Em suma, todo o romance pode ser sintetizado pela metáfora do pássaro quebrando o ovo, pois ele é o símbolo da expressão de que toda criação é precedida pela destruição. Afinal, disso depende a potencialização dos impulsos, pois ao homem de gênio pertence a tarefa de criar valores definidos a partir de si mesmo: “Em verdade vos digo, bem e mal imperecíveis não existem. É a

partir de si que é preciso dominar-se sempre de novo” (Nietzsche, 2012, p. 106). Com isso, supõe-se que a analogia entre o pássaro e o ovo está enlaçada ao processo de autodescoberta e autossuperação do próprio Sinclair face aos valores e tradições de sua família. Ele avalia:

Eu era um impulso da natureza, um impulso em direção ao incerto, talvez do novo, talvez do nada, e minha função era apenas deixar que esse impulso atuasse, nascido das profundezas primordiais, sentir em mim sua vontade e fazê-lo meu por completo. Isto e mais nada (Hesse, 2017, p. 145).

Nos últimos dois capítulos, embora Hesse evoque o retorno de Demian, essa personagem é ofuscada pelo surgimento de Eva, mãe e educadora do guia, por quem Sinclair torna-se profundamente apaixonado. A essa altura, a história também é aturdida pela ameaça da I Guerra Mundial, seguida de presságios de morte por parte da tríade: Demian, Sinclair e Eva. Por fim, é com a chegada da guerra que o personagem Demian desaparece por completo, dando a entender o seu falecimento.

O caminho a que nos conduz Hesse, ante esse evento dramático, dá a entrever que Demian teria mesmo de escapar dos horizontes de Sinclair, ao menos, simbolicamente. Após desempenhar o seu papel de *re-educador*, possibilitando a Sinclair o rompimento com o mundo luminoso, i. e., com a casca do ovo que o forjara, a libertação do amigo para a chegada do “homem de gênio” estava intrínseca a condição de seguir por si mesmo: “Para o homem consciente só havia um dever: procurar-se a si mesmo, afirmar-se em si mesmo e seguir sempre adiante o próprio caminho, sem se preocupar com o fim a que possa conduzi-lo” (Hesse, 2017, p. 145).

Nisso, Hesse provavelmente também se inspirara em Nietzsche, pois os grandes homens e as grandes épocas, segundo o filósofo alemão, são fins em si mesmos, e não a manifestação de algo para além deles mesmos: “O grande homem é um fim; a grande época, a Renascença, por exemplo, é um fim” (Nietzsche, 2017, p. 78). E o que a guerra possivelmente representara na vida de Sinclair? A possibilidade de destruição do passado para o ressurgimento do novo. Diante disso, é oportuno lembrar: a hierarquização de impulsos só pode culminar em aumento de potência que pode criar algo novo quando há a possibilidade de destruição do velho para o aparecimento do novo, do mais forte. Assim, se alcança o findar da obra, com um Sinclair muito diferente do que foi apresentado ao leitor no início: um Sinclair finalmente capaz de se olhar no espelho e enxergar a *própria* imagem que, aliás, em tudo era semelhante à do seu *daemon*, do seu guia.

### Referências Bibliográficas

CERDAS, Emerson. **A Ciropedia de Xenofonte**: um romance de formação na Antiguidade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. A Pia fraus (mentira piedosa) sob a perspectiva da genealogia da moral: vontade de potência e mito. In: PASCHOAL, A.E; FREZZATTI Jr., W. **120 anos de Para a genealogia da moral**. Ijuí: Unijuí, 2008, p. 263-280.

\_\_\_\_\_. **A fisiologia de Nietzsche**: a superação da dualidade cultura/ biologia. 2 ed. Curitiba: CRV, 2022.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX**. São Paulo: Humanitas, 2019.

GIACCOIA JR., Oswaldo. **Nietzsche**: o humano como memória e como promessa. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

GOBRY, Ivan. **Vocabulário grego da filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

HATAB, Lawrence J. **Genealogia de Moral de Nietzsche**. São Paulo: Madras, 2010.

HESSE, Hermann. **Demian**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

\_\_\_\_\_. **Assim Falava Zaratustra**. São Paulo: Lafonte, 2012.

\_\_\_\_\_. **Assim Falava Zaratustra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Caso Wagner**. São Paulo: Editora Escala, 2007.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. Da polissemia dos conceitos “ressentimento” e “má consciência”. **Revista Filosofia Aurora**, v. 23, n. 32, p. 201–221, 2011.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é**. Campinas: Editora Phi, 2013.